

## O MITO DE ORFEU CONFORME O QUARTO LIVRO DAS “GEÓRGICAS”

FRANCISCO DE ASSIS FLORÊNCIO (UERJ)

### RESUMO:

A partir da obra didática de Vergílio, as “Geórgicas”, quarto livro, pretendemos traduzir e analisar algumas passagens que dizem respeito ao mito de Orfeu. A análise abordará: a influência dos pais de Orfeu sobre seus dons; a etimologia de seu nome e de sua amada; o legado do mito na literatura e no cinema. Os excertos que serão estudados se referem às partes principais do mito e versará sobre o evento que deu origem ao infortúnio do herói; a reviravolta ocorrida no seu destino (**metabolé**), a partir do momento em que ele comete um erro fatal (**hamartía**). Por fim, apresentaremos as repercussões religiosas deste mito.

Palavras-chave: Orfeu, Geórgicas, mito.

O mito de Orfeu está, com certeza, entre os mais celebrados, recontados e presentes na cultura ocidental. Isso se deve provavelmente ao fato de nele está contida uma bela, mas trágica história de amor. Sabemos que o imaginário coletivo adora este tipo de drama: dois jovens que se apaixonam, se amam e que, na hora de se unirem em definitivo, as mãos dos *Fata* se mostram

presentes, as *Parcae* tecem sem parar e o que parecia perfeito se transforma num grande pesadelo para os amantes. Esta fórmula de sucesso permeia as mentes de apaixonados ou não, sendo, por isso, “Romeu e Julieta” um dos grandes exemplos da perpetuação desta temática. No Brasil, o Mito de Orfeu ganhou vida na peça “Orfeu da Conceição: Tragédia carioca”, de Vinícius de Moraes, que veio a dar origem aos filmes “Orfeu do Carnaval”, do francês Marcel Camus e “Orfeu da Conceição”, de Cacá Diegues.

Iniciaremos a nossa abordagem pela etimologia, que certamente nos dará suporte para entendermos algumas particularidades de Orfeu e Eurídice. Natural da Trácia, região ao Norte da Grécia, Orfeu era filho de Apolo e Calíope. Aquele era deus da poesia e da música; ela, musa da poesia épica, cujo nome significa “bela voz”. Vale a pena trazer à memória o ditado popular que diz: “filho de peixe, peixinho é”, pois os dons recebidos por Orfeu estão diretamente ligados à sua ascendência: músico, poeta, cantor e, provavelmente, o inventor da cítara. Se nome é oriundo de *Aour* (luz) e *Rophae* (cura), cuja raiz está presente no nome Rafael, palavra hebraica que significa “o Deus que cura”. Já Eurídice deriva de *Euris* (encontrar) e *Dyke* (a justa medida). Seu nome nos leva a refletir que, embora muitas vezes nós sejamos injustos em nossos atos e julgamentos, não podemos escapar da justiça divina. Assim como Ceres em “Os Mistérios de Eleusias”, Eurídice representa a força da divindade feminina, perdida com o advento das religiões monoteísta, onde a divindade masculina so-

brepuja a feminina, que ora desaparece, ora aparece como uma divindade inferior. No que concerne a este último exemplo, a figura de Maria como Nossa Senhora talvez retome, em menor escala, esta tradição. Mesmo assim, ela é colocada num patamar inferior ao Deus cristão, uma vez que a ele se deve prestar *latria* (adoração) e a ela *hyperdulia* (exaltação).

Feitas as considerações iniciais, pretendemos apresentar e estudar o mito de Orfeu a partir da visão vergiliana, na sua obra as *Geórgicas*, quarto livro. Escolhemos esta obra porque, segundo Pirre Grimal, “ela é a versão mais rica e acabada” (GRIMAL, 2000, p. 340). As “*Geórgicas*” é uma obra de cunho didático e tinha por objetivo cantar o trabalho, não como um castigo enviado pelos deuses, mas como um dom divino, capaz de aproximar os seres humanos da natureza e de integrá-los na harmonia cósmica. Assim, o poeta se posiciona como defensor de um ideal de paz, que já não é a paz idílica da Arcádia, mas a paz operosa dos lavradores, pastores e apicultores, fruto do suor e das lágrimas. O quarto livro, em especial, ensina a arte da apicultura. Aqui, sendo as abelhas as protagonistas, o poeta as toma como símbolo de espiritualidade, de imortalidade da alma e até do mundo poético, associando-as, assim, à lenda de Orfeu e sua descida aos *infern* para trazer Eurídice.

O mito de Orfeu assim pode ser resumido: o herói apaixonado, Orfeu, que a todos encanta com a sua voz e a sua lira, vê, de uma ora para outra, sua amada ser arrancada de seus braços. Até

então, não há nenhuma reviravolta em sua vida, uma vez que, descoberto o lugar onde a sua *puella* se encontrava, ele para lá se dirige e consegue autorização dos deuses do *Hades* para trazê-la de volta ao mundo dos vivos. Um descuido, porém, põe tudo a perder e o filho de Apolo, após cometer um erro fatal, vê seus sonhos irem por água abaixo e experimenta, enfim, uma grande reviravolta em sua vida. A partir de então, ele passa a negar o seu canto a todos que antes o admiravam e não se deixa seduzir mais por nenhuma mulher. Esta opção leva-o à ruína e à morte, pois, como se sabe, o sexo feminino é pouco sensível à rejeição.

Passaremos, agora, a traduzir e comentar os excertos mais significativos da narrativa vergiliana:

*Non te nullius exercent numinis irae:453*

*Magna luis commissa; tibi has miserabilis Orpheus*

*Haudquaquam ad meritum poenas, ni fata resistant,*

*Suscitat et rapta graviter pro coniuge saevit.456*

*Illa quidem, dum te fugeret per flumina praeceps,*

*Immanem ante pedes hydrum moritura puella*

*Servantem ripas alta non vidit in herba.459*

“A ira de alguma divindade te persegue; tu expias um grande erro; o infeliz Orfeu de modo algum suscita estas penas para ti, nem os fados se opõem a teu castigo, ele está bastante furioso pela perda da esposa. Ela, a donzela que haveria de morrer, na verdade, enquanto fugia apressadamente de ti pelo rio, não viu uma monstruosa serpente que estava diante de seus pés a guardar as margens na alta erva.”

De acordo com a narrativa percebe-se que alguém (*te, tibi*) cometeu um erro e, portanto, deve ser castigado. Quem é esse alguém? O *vir* digno de ser castigado pelos deuses é Aristeu, filho da ninfa Cirene, e criador da apicultura. O seu crime foi resultado de seu *ignis*, ou seja, do fogo da paixão. Ao ver Eurídice, ele fica louco de paixão e resolve possuí-la à força; ela, fiel ao seu amado, não se deixa seduzir e, na fuga, pisa, inadvertidamente, em uma serpente, que a pica, levando-a a morte. Como castigo pelo delito cometido, Aristeu recebeu a seguinte pena: suas abelhas morreriam e outras só voltariam depois que ele prestasse honras fúnebres a Orfeu e Eurídice.

A segunda passagem diz respeito à saída de Orfeu e de sua amada do mundo dos mortos:

*Iamque pedem referens casus evaserat omnis,485*  
*redditaque Eurydice superas veniebat ad auras,*  
*pone sequens (namque hanc dederat Proserpina legem),*  
*cum subita incautum dementia cepit amantem,*  
*ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes:*  
*restitit, Eurydicenque suam iam luce sub ipsa490*  
*immemor heu! Victusque animi respexit. Ibi omnis*  
*effusus labor atque immitis rupta tyranni*  
*foedera, terque fragor stagnis auditus Avernis.*  
*Illa “quis et me” inquit “miseram et te perdidit,*  
*Orpheus,495*  
*quis tantus furor? en iterum crudelia retro*  
*fata vocant conditque natantia lumina somnus.*

“E como agora ele, voltando com seus próprios pés, escapasse de qualquer eventualidade, e a resgatada Eurídice voltava ao mundo superior, seguindo atrás dele (porque assim prescrevera Prosérpina esta lei), quando uma súbita demência tomou conta do incauto amante, se os Manes soubessem perdoar, ela deveria ser perdoada: ele parou e, sob a própria luz, esquece-se agora, ai! de sua Eurídice. E, vencido pelo desejo, olhou para trás. Nesse momento, todo o seu trabalho tornou-se vão e o pacto com o cruel tirano foi quebrado, e, por três vezes, um estrondo foi ouvido nas águas do Averno. Ela diz: `Que tão grande loucura desgraçou a mim, infeliz, e a ti, Orfeu? Eis que mais uma vez os cruéis fados me chamam de volta e o sono oculta meus lacrimosos olhos. E agora adeus!`”

Nesta segunda passagem, contemplamos Orfeu saindo do mundo dos mortos acompanhado de sua amada. Ele, graças à sua voz e à sua lira, encanta e emociona a todos os habitantes do Hades, em especial ao rei e à rainha, Plutão e Prosérpina. Esta permita a Orfeu que deixe os infernos com a sua amada. Havia, porém, uma condição para que eles chegassem ao mundo superior sãos e salvos: Eurídice deveria vir atrás do amado e este não poderia, em hipótese alguma, olhar para trás. A ordem nos traz à lembrança o episódio ocorrido com a mulher de Ló, a qual, ao se virar para olhar para Sodoma e Gomorra, foi transformada em uma estátua de sal. O amante, porém, não suportou a ansiedade de ver sua amada e, sem pensar, olha para trás. O acordo é quebrado

e o herói perde para sempre a sua Eurídice, que, tomada de tristeza, sussurra um último *vale*. A presença do multiplicativo *ter* transmite a idéia de algo definitivo, ou seja, nunca mais Eurídice poderá voltar ao mundo superior.

A falta cometida pelo herói trágico é assim definida pelo Prof. Junito Brandão:

Αμαρτία (**hamartía**), significa etimologicamente “errar o alvo com o arco e a flecha” e, nesse sentido, o verbo αμαρτανειν é sinônimo de σφαλλεσθαι “enganar-se”. Trata-se, por conseguinte, de um ato inábil, mas não moralmente culpável. É um ato em que o homem é vítima da fatalidade, da τυχη do acaso...”. (BRANDÃO, 1980, p. 51)

A partir de então há uma reviravolta na vida de Orfeu, que passa da *res secundae* a *res adversae*, conforme palavras do mesmo ilustre mestre:

(...) Aristóteles... quando fala da μεταβολη da reviravolta, que faz o herói passar da felicidade à desgraça, insiste em que essa reviravolta não deve nascer de uma deficiência moral, mas de um erro, de uma falta, αμαρτια cometida. (*Id., ibid.*, p. 50)

A terceira passagem faz menção ao trágico fim de Orfeu e à “eternização” de seu amor, porque, como já enfatiza o texto sacro “... fortis est ut mors dilectio,...” (Canticum Canticorum, 1999, p. 618).

*... spretae Ciconum quo munere matres*<sup>520</sup>  
*inter sacra deum nocturnique orgia Bacchi*

*discerptum latos iuvenem sparsere per agros.  
tum quoque marmorea caput a cervice revulsu*<sup>523</sup>  
*gurgite cum medio portans Oeagrius Hebrus  
volveret, Eurydicen vox ipsa et frigida lingua,  
a miseram Eurydicen! Anima fugiente vocabat,  
Eurydicen toto referebant flumine ripae.*<sup>527</sup>

“As mãos dos cícones, desprezadas pela devoção dele (à amada), entre os ritos sagrados dos deuses e as orgias do noturno Baco, espalharam o corpo despedaçado do jovem pelos vastos campos. Então, também enquanto o trácio Ebro rolava a cabeça arrancada do pescoço marmóreo, carregando-a no meio de sua correnteza, a voz dela e a frígida língua gritavam: `Eurídice! Ah! Pobre Eurídice!`. Com a alma a fugir-lhe a chamava, as margens repetiam o nome de Eurídice por todo o rio.”

O ritual que aqui presenciamos são as Bacanais, festas dedicadas ao deus Baco, durante as quais toda a população, sobretudo as mulheres, era tomada por um delírio místico e percorria os campos emitindo gritos rituais. Essas mulheres, rejeitadas por Orfeu, despedaçam-no e atiram a sua cabeça no rio Ebro, que tem como determinante *Oeagrius*, adjetivo derivado de *Oeagrus*, pai mortal do herói e rei da Trácia. A morte, porém, não é capaz de calar o amante, que, mesmo depois de morto, grita o nome da amada, cabendo às margens a responsabilidade de fazer o contracanto.

Para concluir, vale ressaltar que a influência deste mito não se deu apenas no âmbito do paganismo, mas ultrapassou esta bar-

reira, chegando inclusive ao cristianismo. Sabe-se que, desde os primórdios do cristianismo, mitos e personagens pagãos foram utilizados por escritores cristãos para tipificar personagens do Velho e Novo Testamento. É o acontece, por exemplo, com Orfeu, que, por ter sido alguém que sofreu por amor, por ter a capacidade de a todos atrair apenas com o emprego de sua voz e por ter morrido por amor, tipifica a pessoa de Cristo, conforme testemunhos de quadros e comentários da era renascentista.

## Referências bibliográficas:

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. *Bíblia Sagrada*. 2. ed.rev. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Ed. Preparada por R. Kittel e P. Kahle. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1961.

BRANDÃO, Junito de Souza. *TEATRO GREGO: origem e evolução*. Rio de Janeiro: Tarifa aduaneira do Brasil Editora Ltda., 1980.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille, 4. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SALIS, Viktor D. *MITOLOGIA VIVA: Aprendendo com os deuses a arte de viver*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

VIRGIL. *Eclogues, Georgics and Aeneid*. With an english translation by H. Rushton Fairclough. London, Loeb Classical Library, 1994.